

São Tomé e Príncipe...

de 1001 km magia

Dona Carlota recusa dizer a idade e tem toda a razão. Porque haveria um “branco” – que ela não conhece de lado nenhum – de querer saber tal coisa? “Puxe o barco e depois faz perguntas!” Assim seja. Durante uns longos e penosos minutos, homens, mulheres e crianças puxam a pequena embarcação areia acima, carregada de peixe. A tarefa estava terminada, mas Dona Carlota gosta mais de interrogar do que ser interrogada: “Nunca viu pescadores na vida? Somos pobres, a nossa sorte é o mar farto”, explica esta habitante de **Neves**, uma das principais cidades de São Tomé e Príncipe. “Tem quantos filhos?” Um dedo indicador serve de resposta. “Só um? Tristeza. Tenho cinco”, explica ela, enquanto as suas mãos calejadas agarram um volumoso atum. Atefada e sem grande vontade de fazer conversa mole, despede-se de forma súbita, mas amistosa: “Não esboça, isto é terra de Deus!”

Olhando à volta, é difícil de discordar. Apesar do lixo espalhado pela praia, apesar das humildes casas de madeira, apesar das águas pouco recomendáveis do **rio Provaz**, este é um território mágico. Basta sair desta aglomeração urbana onde residem perto de sete mil almas e regressar à estrada reabilitada recentemente, com dinheiros da União Europeia. A paisagem virgem acaba por se impor e deixar desconcertado quem nunca aqui pôs os pés. É bem provável que

tenha sido essa a sensação que teve o fidalgo D. João de Paiva e respetivos acompanhantes quando fundearam por estas bandas, em 1485. No lugar de **Anambó** sobrevive um velho padrão que assinala esse desembarque e a chegada dos primeiros colonos portugueses – na sua maioria, judeus e prisioneiros condenados ao degredo por D. João II, que percebeu a importância estratégica do arquipélago, supostamente desabitado até então.

Em certos sítios, parece que estamos no princípio dos tempos e, mesmo quando a mão do homem marca presença, logo a natureza se encarrega de fazer das suas. É o que acontece quando alguém atravessa o túnel de **Santa Catarina**, rumo a norte, e começa a ver o que o espera do outro lado: coqueiros, muitos coqueiros, de cor alaranjada. Claro que tudo não passa de um mero efeito de ótica graças ao sol e à localização das árvores. Já agora, convém fazer um esclarecimento: estamos a falar da costa ocidental de São Tomé, que a generalidade dos especialistas e dos são-tomenses considera até nem ser a mais bonita do país. Gostos não se devem discutir, mas, na qualidade de escriba independente, aproveitamos para dar um manifesto e singelo exemplo de injustiça: a **Lagoa Azul**. Sim, o famoso filme homónimo, protagonizado por Brooke Shields, foi feito na Jamaica, mas também poderia

ter sido aqui rodado. Contemplar a baía e as águas turquesas do Atlântico desde o morro do Carregado e depois serpentear até à praia da Lagoa Azul é uma experiência que dispensa quaisquer comentários. E que só fica completa após prestarmos o devido respeito ao centenário embondeiro que serve de referência a quem vai a banhos ou mergulha com o propósito de ver os corais que ficam entre os 10 e os 30 metros de profundidade. Isto para não falar de outras praias até ao extremo sul da ilha e dos ilhéus que pontuam toda a orla oeste.

Seja como for, sublinhe-se a injustiça de ser uma região demasiadas vezes ignorada pelos folhetos turísticos e que praticamente nunca aparece entre os ex-líbris do território.

O mesmo se poderia dizer do **Parque Obô**, que cobre quase um terço do país – 235 quilómetros quadrados em São Tomé e outros 85 no Príncipe (que também fazem parte da biosfera da UNESCO desde 2012). É aí, no centro das duas ilhas, que se concentra toda a floresta primitiva e as nascentes dos 50 rios que depois correm até ao oceano. Uma enorme e luxuriante mancha verde que às vezes parece confundir-se com os cenários de Parque Jurássico, de Steven Spielberg, e que em muito contribui para o carácter encantatório deste que é o segundo mais pequeno Estado de África. A fotógrafa e cineasta I. Gonçalves, que trocou Lisboa por



São Tomé há cinco anos, costuma dizer que estas são “ilhas mágicas”. E isso nota-se quando nos embrenhamos na vegetação densa ou nos detemos a ver os pontos mais altos, muitas vezes envoltos num misterioso manto de nevoeiro. Os adeptos dos desportos radicais e de aventura nem fazem ideia do que têm aqui ao seu dispor. Basta dizer que o **Pico Cão Grande** – uma elevação de origem vulcânica com 300 metros de altura – é uma das imagens de marca do país, serve mais de retiro espiritual aos feiticeiros locais do que aos poucos alpinistas

que cometeram a proeza de chegar ao topo.

O mesmo se aplica aos outros picos e montanhas ainda mais altos, onde os *stijons mátu* e os *bolodô de minja* (os curandeiros e os massagistas) encontram tudo o que precisam para tratar todos os males da humanidade. Parece exagero? Talvez pense de forma diferente após ouvir os guias do Jardim Botânico explicarem as aplicações terapêuticas e milagrosas de plantas como o *muambli*, o *pau-purga*, o *cubango* e a *Mimosa pudica* – flor que encolhe quando tocada e é

também conhecida por “mulher portuguesa”.

Mitos e lendas que fazem parte de uma cultura crioula que tem em J. C. Silva um dos seus expoentes mais populares. O carismático chefe nunca perde uma oportunidade para sublinhar a importância dos saberes tradicionais: “E não é só na cozinha, é em todas as artes.” Se bem o diz, melhor o faz na **Roça de São João dos Angolares**, onde fica o seu incontornável restaurante e a casa grande convertida em boutique-hotel com uma vista de postal ilustrado. A sua ementa

– variável mas sempre criativa – continua a seduzir os comensais mais exigentes e faz jus aos pratos e produtos indígenas, incluindo a feijoada de búzios (com os ditos a provirem da terra e não do mar), a pedir um aromático molho picante ironicamente chamado fura-cueca.

Para os menos avisados, é imperioso alertar que nenhuma visita a este país de 1001 quilómetros quadrados, bem no centro da Terra – onde a linha do Equador se cruza com o meridiano de Greenwich –, estará completa sem uma deslocação à ilha do Príncipe.

Com apenas sete mil habitantes, ainda mais verde e selvagem do que São Tomé, é um mundo à parte que a dupla insularidade criou para o melhor e para o pior. Para o conhecer, não chega ficar uns quantos dias nos *resorts* turísticos que existem. É preciso falar com as pessoas que lá vivem e procurar – a pé, de barco ou num todo-o-terreno – o muito que há para descobrir. Como diz o provérbio são-tomense, “aquilo que Deus não nos deu, não podemos tomar à força”...

▲ Texto adaptado, Filipe Fialho in *Visão*

GLOSSÁRIO

calejado: endurecido; que tem calos
carismático: fascinante
comensal: que come com outras pessoas na mesma mesa; convidado
degredo: pena de desterro imposta judicialmente como castigo por um crime grave
embrenhar-se: envolver-se; entrar pelo mato
farto: repleto; abundante
fundear: atracar
insularidade: relativo à vida numa ilha; constituído por uma ou mais ilhas
luxuriante: exuberante; viçoso
orla: margem
penoso: difícil

*exuberante
luxúria*

*não sei como
país
do problema
involver-se
no problem*

COMPREENSÃO

Explique o sentido das frases de acordo com o texto.

1. “Atarefada e sem grande vontade de fazer conversa mole (...)”

atirefada = muito ocupada, diz-se pouco *muitas coisas*

2. “Não se esqueça, isto é terra de Deus!”

esta calejada = habituada, sem sp. suficiente

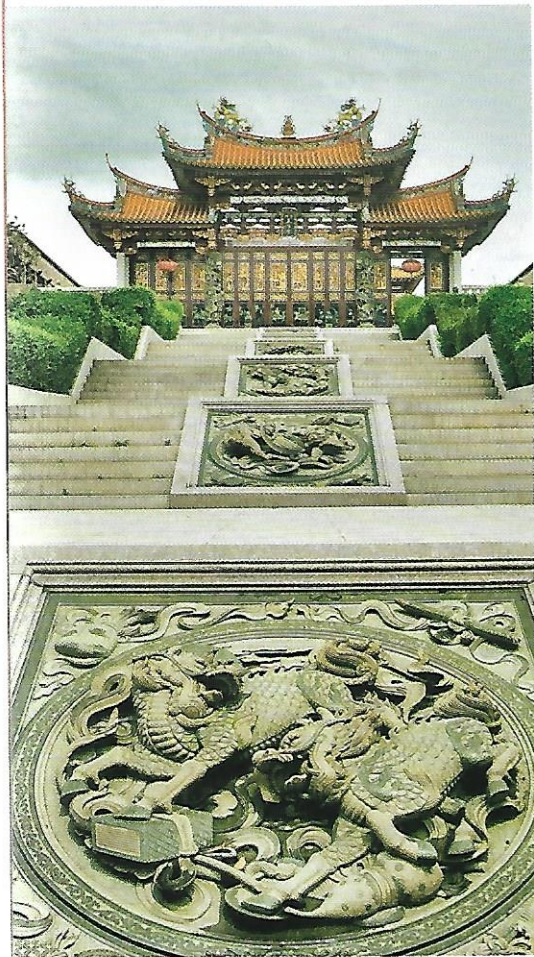
3. “(...) mesmo quando a mão do homem marca presença, logo a natureza se encarrega de fazer das suas.”

4. “A sua ementa (...) continua a seduzir os comensais mais exigentes e faz jus aos pratos e produtos indígenas (...)”

5. “(...) aquilo que Deus não nos deu, não podemos tomar à força.”

Macau

Ponto de encontro do *Oriente* com o *Ocidente*



Macau é uma das mais perfeitas simbioses entre a cultura portuguesa e a chinesa. Um local onde se pode lanchar um pastel de nata com a mesma facilidade com que se visita um típico templo budista. Macau, local de contrastes, onde o tradicional se mistura com o mais moderno.

Ao percorrermos as ruas de Macau encontramos muitas ligações com Portugal. As placas com os nomes das ruas; alguns objetos urbanos, como os candeeiros; restaurantes; e até as pessoas com quem nos cruzamos e que falam português. Tudo isto nos faz esquecer a distância geográfica a que nos encontramos.

Um pouco mais à frente, sentimos que estamos num outro continente: já não é o asiático nem o europeu, mas o americano. Dado que uma das principais atividades económicas de Macau é o jogo (além do turismo), é uma das regiões do mundo com mais casinos. Daí que seja chamada de “Las Vegas do

Oriente”. Esta designação tem que ver não só com o ambiente de casino, mas também com a arquitetura dos mesmos. A verdade é que Macau atrai quase tantos turistas quanto Las Vegas.

Macau tem cerca de 597 498 habitantes. É uma das cidades com maior densidade populacional no mundo. Na medida em que tem uma área tão reduzida, a cidade tem crescido na vertical. Os prédios são altos, oferecendo vários apartamentos em cada andar.

A vida é agitada. Não há tempo a perder. Digamos que é uma “outra” cidade que não dorme. Nunca.

Por outro lado, é curioso observar que algumas pessoas conseguem fugir desta agitação citadina e procuram refúgio nos jardins. Procuram a calma, a tranquilidade, o encontro com eles próprios. Aqui pratica-se *tai-chi*. Longe do bulício.

Há tempo para apreciar a natureza, nem que seja numa flor ou num pássaro... Assim são os macaenses.



GLOSSÁRIO

azáfama: atividade intensa; muita pressa

bulício: grande movimento de pessoas; burburinho

engalanada: ornamentada; enfeitada

iguaría: comida requintada e saborosa

simbiose: união; vida em comum

Macau e os crisântemos

Enquanto em alguns países o crisântemo é uma flor ligada ao culto da morte, em Macau simboliza saúde, prosperidade, felicidade e longevidade. Oferecer um ramo de crisântemos é de bom-tom e elegância. Com as pétalas faz-se uma infusão que se bebe para acompanhar o bolo lunar.

A festa de ano novo

Esta festa também traz muitos rituais que têm perdurado ao longo dos anos. Alguns deles bem curiosos como, por exemplo: arrumar a casa. Também a tradição de oferecer *lai si* vermelhos (envelopes dentro dos quais se coloca dinheiro) é muito apreciada.

Mas em Macau também se tem a tradição de entrar no ano novo com o pé direito.

A cor vermelha, que se espalha por todo o lado, simboliza o desejo de fortuna e sorte para o novo ano.

Embora com todas estas tradições orientais, a ligação com o Ocidente está patente, entre outras coisas, na língua: **fala-se português**. Ainda que uma outra língua também seja falada: o **patoá** (ou crioulo macaense, como alguns lhe chamam). Trata-se de uma língua crioula de base portuguesa formada em Macau a partir do século XVI e influenciada pelo chinês, malaio e cingalês. Resta acrescentar que o patoá, atualmente, é falado maioritariamente por pessoas de idade avançada.

Assim nos ligamos ao Oriente...



COMPREENSÃO

Explique o sentido das frases de acordo com o texto.

1. "Na medida em que tem uma área tão reduzida, a cidade tem crescido na vertical."

2. "Oferecer um ramo de crisântemos é de bom-tom e elegância."

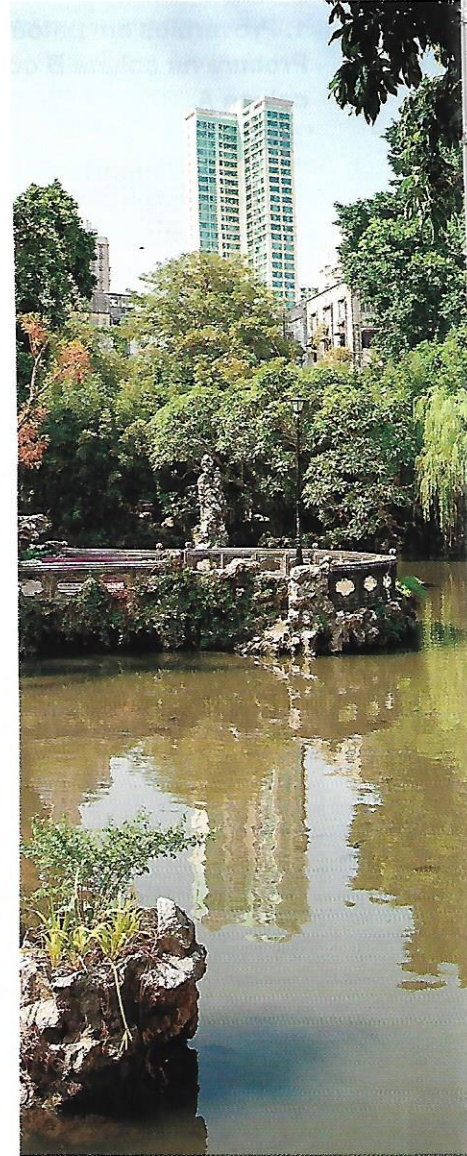
3. "Assim nos ligamos ao Oriente..."

3. Coloque os acentos respetivos nas palavras que devem ser acentuadas graficamente.

- | | | | |
|------------|-----------|----------|---------|
| a) util | hotel | refem | gas |
| b) sofa | movel | apoio | ali |
| c) piano | figado | ceramica | la |
| d) falamos | cantico | bau | saude |
| e) rapaz | distante | molho | sorte |
| f) ananas | distancia | subtil | centimo |

4. Interjeições. Qual a interjeição da coluna B mais adequada para expressar as sensações da coluna A.

- | A | B |
|-------------|------------------|
| a) Alegria | 1. Carambal |
| b) Dor | 2. Quem me dera! |
| c) Surpresa | 3. Força! |
| d) Medo | 4. Viva! |
| e) Estímulo | 5. Chiu! |
| f) Desejo | 6. Ai! |
| g) Silêncio | 7. Ufa! |
| h) Alívio | 8. Credo! |



a) Construa uma frase usando cada uma das interjeições do exercício anterior.

Caramba! _____

Quem me dera! _____

Força! _____

Viva! _____

Chiu! _____

Ai! _____

Ufa! _____

Credo! _____

4. A Boa Escrita.

a) Escreve-se com **e** ou **i**?

__clipse ef__ciência v__zinho r__preender in__gualável cand__eiro

âns__a ad__antar __difício mal__ável agon__a crân__o

b) Escreve-se com **o** ou **u**?

s__luço p__lir ad__ecer c__rtir c__biça burb__rinho

ch__va ch__ver ac__mular c__agir ca__s b__letim

